



Contar histórias de medo que encantam: medo de quê?

Déa Maria de Oliveira Aguiar

Pós-graduanda em Literatura Infantil e Contação de Histórias.

Professora nas Escolas Municipais Cerro Azul e Jaguariaíva.

E-mail: creativedea@hotmail.com

RESUMO

Tendo como tema o medo primário e construído a partir de vivências culturais, religiosas e pessoais, este artigo discorre a respeito do porquê contar histórias de medo, sua importância no desenvolvimento da criança e a rejeição por muitos em fazê-lo. A partir de leituras realizadas à luz de autores que tratam do tema, pôde-se comparar momentos de contações em espaços formais e não formais, assim como palestras de formação de docentes, as crenças limitantes que permeiam esse tema e perceber que a partir de argumentos pautados em teóricos literários e psicólogos, consegue-se um movimento reflexivo positivo em favor dessas histórias.

Palavras-chave: *Histórias infantis. Medo. Imaginário. Infância. Superação.*

INTRODUÇÃO

O tema deste trabalho é a contação de histórias, mais especificamente histórias capazes de despertar a sensação de medo. O presente artigo partiu da inquietação da autora a respeito da aversão às histórias de medo que pais, educadores e demais pessoas demonstram quando se trata de contá-las às crianças. E o principal motivo para realizar esse registro é de cunho pessoal, pois está pautado nas experiências de sua meninice e vida profissional de magistério de mais de 35 anos com crianças pequenas, período durante o qual entrou em contato profundo com seus medos, seus encantamentos e todo o rico imaginário que faz parte da infância.

O medo é uma emoção básica do ser humano, e negá-la como parte da nossa formação é também dificultar nosso desenvolvimento pleno. Quando crianças, somos ensinados a não declarar os medos, recebendo, muitas vezes, feedbacks negativos quando o fazemos. Daí nascem, frequentemente, as autodesconfianças, pois aprendemos a não confiar no que sentimos, os problemas com iniciativa e persistência. Como a escola é um lugar onde se aprende, torna-se relevante trabalhar também esse aprendizado: o de legitimar as emoções e aprender a identificá-las. Na criança pequena, essa emoção básica é especialmente importante, porque vive num mundo que tem tudo para amedrontar, seja com relação ao tamanho das coisas, à falta de controle que ela tem sobre o ambiente e as pessoas, à sensação de desconhecido e inesperado quase constante, tudo contribui para que a criança sinta medo. Identificá-los e poder expressá-los com tranquilidade, sem julgamentos, é parte da sua educação emocional, da qual a escola também precisa cuidar.

Sabemos também que as histórias são uma ferramenta lúdica, artístico-cultural e intuitiva de aprendizado. Portanto, utilizá-las para fins de aprendizado emocional é pertinente e adequado. Por meio da empatia com as situações narradas, a criança entra em contato com seu próprio interior e consegue trabalhar o que for preciso, muitas vezes, até mesmo sem necessidade de mais nada além de escutar ou ler.

Este texto é resultado de uma pesquisa centrada na observação participante, metodologia na

qual o pesquisador também faz parte do universo pesquisado e que lhe permite alto grau de empatia com o objeto e o público. Como produto, além deste artigo, a pesquisa também propiciou a criação da oficina de capacitação de docentes: **Contos de medo e assombração**, apresentada no Congresso de Literatura em Ponta Grossa e no Instituto de Educação Professor Erasmo Pilotto, no segundo semestre de 2017, para docentes e estudantes do curso de magistério.

Ao longo da carreira de magistério, percebeu-se o quanto histórias que abordam o medo são apreciadas pelas crianças, provocando o desejo de ouvi-las sempre que possível. Porém, esse apreço por parte das crianças é, na maioria das vezes, negligenciado, uma vez que muitos pais e profissionais da área de educação sentem-se desconfortáveis com esse tipo de literatura, seja por crenças que partilham, culturas familiares e/ou mesmo por desconhecimento a respeito. Assim, uma simples história em que um pouco de medo seja provocado acaba se transformando em um evento de conflitos. Enquanto de um lado encontram-se as crianças que se divertem, de outro estão pais aflitos por seus rebentos estarem ouvindo histórias assustadoras. E entre os dois está o contador de histórias, muitas vezes numa batalha solo para convencer pais e a própria escola da importância de seu trabalho, pois, ao se abordar o tema medo com professores e/ou estudantes da educação, percebe-se quase o mesmo sentimento de rejeição a essas histórias e a crítica negativa a respeito baseada em argumentos vazios.

1. CONTAR HISTÓRIAS DE MEDO QUE ENCANTAM: medo de quê?

1.1 Um pouco de “histórias de medo”

No imenso universo das narrativas, as histórias de todos os matizes ocupam lugares fundamentais na formação da cultura e da personalidade individual. Servem para difundir os mitos, valores e crenças de um grupo e para comunicar, de maneira poética e intuitiva, conhecimentos e emoções, sensações e sentimentos, tudo aquilo que forma o núcleo aglutinador de uma comunidade.

Com o intuito de contextualizar o tema, a autora gostaria de compartilhar um pouco da sua infância vivida em meio as histórias contadas por seus pais, a maioria delas de cunho folclórico, como, por exemplo, *A Mula sem cabeça*, *O Lobisomem*, *O Curupira*, mas também muitos contos de fadas, como *Cinderela*, *Chapeuzinho Vermelho*, *Branca de Neve e os Sete Anões*, *Rapunzel*, entre muitas outras inventadas por seu pai, porém, todas repletas de seres fantásticos que povoam seu imaginário até hoje.

Moravam muito modestamente e a família não possuía nenhum tipo de distração que não fossem

brincadeiras inventadas, livros emprestados de bibliotecas públicas e dos vizinhos e, ao fim do dia, depois de banho tomado, sentarem-se todos os seis irmãos e as crianças da vizinhança na varanda de casa para ouvirem histórias contadas e recontadas, todas com seu encanto e mistérios que os faziam viajar no imaginário e sentirem emoções e as mais diversas sensações: encantamento, tristeza, alegria. Mas o medo era a grande atração. Queriam sentir medo, mesmo sabendo que nesse ou naquele momento o medo estaria presente, fazendo acelerar o coração, arregalar os olhos, sentir arrepios. As crianças ansiavam por este instante, como se faltasse algo para encerrar bem o dia. E, depois dos gritos e sustos, dormirem felizes, sem pesadelos, pois, ao se deitarem, sentiam-se completamente relaxados.

1.2 A origem do medo

Antes da descoberta do fogo, quando a humanidade vivia na escuridão, a noite era o vilão de todos os medos. Como mamíferos diurnos, necessitados da luz para vivenciar as percepções visuais, era preciso passar uma noite inteira sem ver quase nada ao seu redor e ficar ouvindo todos os tipos de ruídos possíveis, sabendo que muitos predadores usavam a escuridão para caçar. Na concepção de Estés:

Desde a descoberta do fogo, os seres humanos se sentem atraídos pelos contos míticos. Por quê? Porque apontam para um fato importante: embora a alma em sua viagem possa tropeçar ou se perder, no fim ela reencontrará seu coração, sua natureza divina, sua força, seu caminho para Deus em meio à floresta sombria – ainda que leve vários episódios ou “dois passos à frente e um atrás” para descobri-los e recuperá-los” (ESTÉS, 2005, p. 11)

E os contos e histórias eram realizados à volta da fogueira, pois o fogo, além de iluminar e afugentar animais, gerava um ambiente propício para aproximar as pessoas, devolvendo um pouco da ilusão de controle do ambiente e da sensação de segurança. Por isso, é normal até hoje as histórias de medo trabalhar com cenários escuros ou em penumbra, que reforçam a sensação de desconhecido que pode ser considerada a origem filosófica e biológica do medo.

O medo, segundo o dicionário, é um substantivo masculino, que, de acordo com a psicologia, é um estado afetivo suscitado pela consciência do perigo ou que, ao contrário, suscita essa consciência como sentir-se ameaçado, por exemplo. Também é definido como temor, ansiedade irracional ou fundamentada; receio, como o medo de tomar injeções. À luz da psicologia, Molcho afirma:

O medo é inato entre nós, tem principalmente função defensiva [...] As crianças precisam aprender a prestar atenção nesse medo e tentar superá-lo de vez em quando.

No mundo dos contos de fadas, que elas logo aprenderão a conhecer é muito parecido com seu mundo de fantasia, há os bons e os maus, e os bons sempre vencem. Embora os maus formem o primeiro degrau de identificação porque muitas vezes parecem vencer, no final a moral concorda novamente com as personagens boas. As crianças identificam-se com essas personagens com muita naturalidade e assim aprendem – ao menos na fantasia, teoricamente – a superar seus medos. Se não tiverem acesso às imagens, não lidarão com o medo e não aprenderão a superá-lo. (MOLCHO, 2007, p.130)



De acordo com Ferrari: “Para além das definições da palavra, o medo é uma sensação. Essa sensação está ligada a um estado em que o organismo se coloca em alerta, diante de algo que se acredita ser uma ameaça. O medo é um estado de alerta extremamente importante para a sobrevivência humana. Uma pessoa sem medo nenhum pode se expor a situações extremamente perigosas, arriscando a própria vida, sem medir as possíveis consequências trágicas de seus atos”. Com essa afirmativa fica claro a importância em se levar a sério essa sensação, assim como de não ignorá-la e nem temê-la, uma vez que está presente em nossa estrutura fisiológica e psicológica. Percebe-se que ao longo da evolução humana, apenas os motivos que desencadeiam a sensação de medo mudaram, de acordo com a cultura na qual está inserida. Como exemplo podemos citar a Grécia Antiga e a Idade Média. A primeira temia deuses que representavam seus medos, como Deimos (o temor) e Phóbos (o medo), enquanto a segunda temia seres como bruxas e demônios, pautados nos dogmas que a Igreja impunha.

Em nossa sociedade contemporânea e urbanizada, o medo é responsável por muitos artefatos, tais como as cercas, as portas e portões, as trancas e chaves, cadeados, senhas, alarmes, câmeras de vigilância, sistemas de segurança de diferentes configurações, entre tantos outros. Em decorrência de sua exacerbação, vêm a síndrome do pânico, a agorafobia e tantas outras manifestações patológicas do medo não drenado, não enfrentado, não vencido, o qual, no mundo adulto, ainda pode ser enfrentado nos livros e filmes de terror, nos esportes radicais.

Ao buscar a origem do medo, percebe-se que ele esteve sempre presente no caminhar da humanidade. É algo que se carrega na genética e permite ficarmos vivos, criando rotinas de proteção. Possuímos em nosso corpo um sistema de alerta que nos faz temer situações que possam colocar em risco a nossa sobrevivência. Cientificamente falando, nosso organismo possui o chamado “circuito do medo” composto por núcleos cerebrais como a amígdala e o hipocampo, de onde são

liberados neurotransmissores e neuro-hormônios como a endorfina, a adrenalina e a dopamina, que explodem na corrente sanguínea, provocando uma série de sensações como: aumento dos batimentos cardíacos, suor nas mãos, tremor, dentre outras, tudo isso numa tentativa de avisar o indivíduo de que há perigo iminente. O medo, segundo Juliana Spinelli Ferrari, Mestranda em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo, é um estado de alerta extremamente importante para a sobrevivência humana. Uma pessoa sem medo nenhum pode se expor a situações extremamente perigosas, arriscando a própria vida, sem medir as possíveis consequências trágicas de seus atos.

Porém, quando essa ameaça não passa de um engano, o cérebro descobre rapidamente, o sistema do medo corta a injeção de substâncias, levando a um estado de bem-estar. Por isso, a maioria das pessoas se sente atraída por histórias de medo e mistério. Todavia, se essa situação é real e o sujeito permanecer com essas substâncias por muito tempo em seu organismo, se sentem nauseados, trêmulos, alertas ao sinal do menor ruído, angustiados, tornando-se assim supervigilantes, e a confusão mental se instala podendo provocar um curto circuito na estrutura orgânica.

Com a invenção da luz elétrica, que potencializou o poder do fogo, saímos das trevas. Mas parece que esse medo nos seguiu geneticamente através dos tempos. E mesmo hoje, sabedores de tantas coisas e conhecedores de dados científicos que nos permitem aprender tanto a respeito dos fenômenos naturais, basta haver um “apagão” para que nosso circuito do medo entre em ação e nos transportemos a uma confusão de sensações deixando-nos, às vezes, até descontrolados.

1.3 Medo de quê?

O imaginário popular e literário nos faz transitar entre o real e o quimérico, trazendo impressões que muitas vezes não sabemos explicar, mas, que ao chegar ao final da história, conseguimos perceber que o fantástico nos fez perceber o que nos incomoda ou nos faz bem no real, e o medo é um elemento muito forte e presente nesses momentos. E ao contar histórias para crianças onde o medo se apresenta, colocamos a criança em contato com seus próprios temores, provocando momentos, nos quais ela pode confrontá-los, compartilhá-los ou apenas perceber que não está sozinha nessa caminhada. Segundo Colomer:

As crianças aceitam uma imagem idealizada delas mesmas e do que as cerca, porque lhes oferece uma imagem ordenada, coerente e tranquilizadora da realidade. Mas também necessitam de uma literatura mais dura, que se faça eco de sua parte menos socializada e agressiva. (COLOMER, 2007, p 59)

Pois elas, as crianças, sentem medo de não se encaixarem nesse ideal, provocando as mais diversas angústias, gerando o temor de não serem aceitas como se apresentam: frágeis e confusas diante de um mundo nada acolhedor. E nós, enquanto pais, como disse Bettelheim:

(...) Queremos que nossos filhos acreditem que os homens são bons por natureza. Mas as crianças sabem que eles nem sempre são bons; e, frequentemente, quando o são, prefeririam não sê-lo. Isto contradiz os que os pais afirmam, e por esta razão a criança vê-se a si mesma como um monstro. (COLOMER, 2007, p 59, Apud BETTELHEM, 1978).

Ao ouvir uma história na qual existem personagens que são monstruosos, assustadores, maus, a criança consegue perceber que o mal existe, mas ela também consegue a coragem para combatê-lo, como afirma Silva:

Na versão original dos Grimm, Chapeuzinho coloca pedras pesadas na barriga do lobo, ajudando o caçador a destruí-lo. Esse gesto, aparentemente simples, serve de metáfora para representar um discurso sugerindo que a criança não precisa sujeitar-se passivamente ao mal do mundo, pois tem condições de propor soluções, colaborar e interferir pró-ativamente na resolução de seu destino. (SILVA, 2013 p.45)

Portanto, ao vencer o vilão da história, metaforicamente a criança vence seus próprios



vilões e se sente feliz por derrotar o medo vivenciado a partir da história. Por isso a importante tarefa de se contar histórias, principalmente as histórias de medo! Parafraseando Celso Cisto, contar histórias hoje significa salvar o mundo imaginário, pois, quando se conta uma história, começa-se a abrir espaço para o pensamento mágico, e essa magia é transformadora, capaz de propiciar momentos de catarse, nos quais acontecem o enfrentamento e a superação, tudo isso a partir de uma história contada.

Se pararmos para pensar, as mães e avós de outrora já realizavam muito bem esse papel, como os pais da autora citados no início desse artigo, quando, intuitivamente reuniam crianças para contar histórias com voz, entonação, expressões faciais e corporais, dando vida e levando seus ouvintes ao mundo da imaginação. Assim, quando se comemorava a morte do vilão, não se via como uma coisa violenta, mas transformadora, pois a morte significava a superação do medo propriamente dito. E, como isso não acontecia de uma só vez, a célebre frase “conte outra vez!” era e ainda é muito ouvida entre os contadores de histórias de todo o mundo.

Movida pela paixão em contar histórias, principalmente as que envolvem o medo, e percebendo todo o interesse por parte das crianças, ao longo de mais de 30 anos de magistério, assim como no reduto familiar e/ou de pessoas próximas, como vizinhos, amigos e conhecidos e notadamente constatando a forte relutância em se contar histórias com esses quesitos, a autora deste artigo resolveu se aprofundar no tema para entender o que se passa com corpo e na mente ao entrar em contato com esse assunto (o medo) e como ele provoca tantas sensações e tantos conflitos. Também é importante descobrir por que, mesmo sendo um assunto tão divergente, ainda se encontra uma infinidade de autores dedicados a esse tema.

Buscando respostas, principalmente para em-

basar seu trabalho realizado em escolas, e desconstruir essa imagem negativa de tais histórias que vem ganhando os mais variados segmentos, como pais, professores, comunidades religiosas, dentre outras, nasceu o Ateliê de Histórias de Medo e Assombração, no qual se dialoga com esse tema e seus mais diversos benefícios para a superação do mesmo. A partir do olhar científico e psicológico, elenca-se a origem, a evolução, a ação fisiológica em nosso corpo, assim como os meios que nos propiciam momentos de superação e catarse.

Quando se percebe que o medo não é assim nem um vilão que vem de fora para nos acometer das mais diversas sensações negativas, mas que se origina e vive em nosso interior, capaz de promover a nossa sobrevivência e segurança, nos damos conta de quão importante é o medo em nossas vidas.

A literatura escolhida a dedo e apresentada aos participantes traz a sensação de que se duelou durante muitos anos contra esse assunto sem realmente perceber sua importância em nossa existência.

Ana Maria Machado (O Domador de Monstros) nos traz Sérgio, um menino que fica aterrorizado com as sombras que as árvores reproduzem através da janela de seu quarto quando se deita à noite e começa a ver os mais terríveis monstros se mexerem e mudarem de lugar. E depois de olhar muito, resolve enfrentar seus medos criando um monstro cada vez mais pavoroso para enfrentar aquele que o aterroriza. Assim, um após outro desaparece à medida que ele acrescenta uma característica mais assustadora, até que ele se dá conta que sua imaginação é que consegue fazer com que os monstros sejam criados, baseados em suas próprias expectativas, percebendo então que criou monstros muito engraçados, adormecendo após muitas gargalhadas. Essa situação acontece na saga Harry Potter, de J.K. Rowling, quando o professor Snape ensina seus alunos a combaterem seus piores medos com o feitiço “ridiculous”, no qual eles devem tornar seus temores tão engraçados que possam cair na gargalhada e então não sentirem mais medo.

As histórias de bruxas são campeãs no quesito medo, temidas inclusive por adultos. Mas também são as preferidas das crianças quando se fala em histórias

de medo, despertando o encantamento por essa personagem. No livro A Bruxa Salomé, de Audrey Wood, uma narrativa que conta a história de sete irmãos que ao desconsiderarem os conselhos de sua mãe são transformados em comida e levados pela Bruxa. A mãe então os resgata depois de muito empenho, superando medos e revertendo feitiço lançado por Salomé. Já na coleção “Quem tem medo de Monstro, Quem tem medo do ridículo, Quem tem medo de quê...” Ruth Rocha fala de muitos medos presentes de forma poética, em textos rimados e divertidos, nos quais podemos identificar diversos temores presentes e superados em nós mesmos: medo de avião, piolho, vampiro, ladrão, polícia, entre outros.

2. OFICINA DE HISTÓRIAS DE MEDO E ASSOMBRAÇÃO

As primeiras turmas nas quais aconteceu a oficina de Histórias de Medo e Assombração, em Ponta Grossa, Paraná, houve uma média de 20 participantes, porém foram mais de 35 inscrições. Acredita-se que alguns desistiram exatamente pelo tema tão polêmico. No começo, os participantes estavam tímidos, desconfiados, olhando com curiosidade para a lâmina de slide na qual aparecia: Histórias de Medo e Assombrações. Ao iniciar a oficina com a contação de história *O homem que enxergava a morte*, de Ricardo Azevedo, do livro Contos de Enganar a Morte, no qual relata histórias que fazem desse momento tão temido por todos, pura diversão e se fala da morte como parte da vida, retratando pessoas que sempre pretendem driblar esse momento, sem se dar conta de que ela, a morte, chega pra todos, só não se sabe quando; conta que o homem havia aceitado que a mesma fosse madrinha de seu filho, tornando-se chegado a ela até o momento em que a mesma veio buscá-lo. Nesse momento resolve quebrar o acordo, enganando-a por duas vezes até então ser cumprida sua sina.

Essa que é uma das histórias preferidas das crianças da Educação Infantil ao ensino médio, assim como em momentos de contações para adultos de todas as idades, foi um sucesso! Após a história, quebrou-se o gelo e percebeu-se que as pessoas se colocaram de forma mais relaxada, seus semblantes mais descontraídos e participaram com mais entusiasmo, realizando questionamentos como quais as histórias ideais para se contar às crianças, quais literaturas indicadas. Ao final puderam verificar os livros selecionados e fotografarem para registro. Construíram juntamente com a palestrante uma forma animada para complementar o momento da contação dessas histórias a partir de técnica de utilização de jornal e fita crepe, a qual gostaram bastante.

A mesma oficina foi aplicada também em turmas entre 1º e 3º ano do curso de Magistério do

Instituto de Educação do Paraná Professor Erasmo Pilotto, com faixa-etária entre 17 e 35 anos, em Curitiba, na qual, além da história de Ricardo Azevedo, a qual apreciaram muito, puderam ouvir a história da *Morte e a velha*, de Ernani Ssó. Em Contos de Morte Morrida, uma velha que não queria morrer, faz um trato com a morte para manter-se viva o maior tempo possível, a partir de uma igreja construída por ela e, assim que a mesma caísse, a morte a levaria. Porém, se ela se cansasse de estar viva, era só chamá-la. Acharam incrível como existiam tantos autores que tratavam da morte de forma tão diferente e divertida. Relataram suas experiências quanto ao tema e seus temores em contá-las. E, ao final, também confeccionaram a forma animada pela qual se encantaram.

O *menino inesperado*, de Elisa Lucinda, conta sobre o medo de forma poética, dando corpo, forma e voz ao medo que mora dentro de todos e que, a partir do enfrentamento, o faz ser controlado e superado, encerra a oficina.

As avaliações foram todas positivas, nas quais relataram ter sido de grande ajuda para seguirem contando histórias com esse tema tão polêmico, mas com mais segurança, pois agora seriam capazes de argumentar suas escolhas com mais propriedade. Cumpriu-se o objetivo da proposta inicial.

Em todas as oficinas, a maioria demonstrou curiosidade e se posicionou logo no início do trabalho com certa desconfiança, pautada em seus conhecimentos empíricos a respeito do tema medo, uma vez que esse assunto vem de encontro a crenças de que histórias de medo são prejudiciais às crianças.

O contato com educadores nas oficinas ofertadas ao longo da pesquisa tem sido uma experiência muito rica, pois abriu debates a respeito do tema medo, gerando mudanças de posicionamento em relações a essas histórias. Igualmente, tem despertado muitos participantes a vivenciarem a contação dessas histórias com conteúdos assustadores com outro olhar, percebendo-se o prazer que a criança sente ao ouvir histórias de medo e, ao contador, de contá-las.

Em recente contação realizado no CMEI Maria Aparecida Hartman, em Curitiba, a autora

e contadora de história emocionou-se ao contar *O Domador de Monstros*, de Ana Maria Machado, para uma turma de berçário e Maternal I, que são crianças entre 6 e 18 meses, e perceber que aquelas mais de 20 crianças tão pequenas se encantaram com a personagem contadora e com a história. Ninguém chorou, participando com olhares curiosos e atentos a cada monstro que era descrito e, ao final, todos mandaram beijos e demonstraram o desejo de que a história continuasse. Perceber o olhar de magia dos pequenos ouvintes, confirmou a necessidade em se contar histórias para encantamento e deleite de crianças e contadores de histórias!

No evento em Ponta Grossa, durante uma contação da história *O Bicho Manjaléu*, do livro *Histórias de tia Nastácia*, de Monteiro Lobato, na qual um pai bem pobre é obrigado a vender suas três filhas a três homens e, depois de anos, um filho temporão sai em viagem com três objetos mágicos à procura das irmãs, casa-se com uma bela rainha e acaba enfrentando um monstro que a rapta, com astúcia e inteligência, algo bem interessante aconteceu: dois meninos, nitidamente maltratados pelo trabalho de vender algodão doce, enquanto crianças de sua idade brincavam, sentaram-se e acompanharam a narrativa até o final. Visivelmente se transportaram para o imaginário, esquecendo naqueles minutos a dureza da vida e se divertindo com a trama dos personagens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O repúdio dos adultos com relação à contação de histórias de medo para crianças tem mais relação com seus próprios medos não enfrentados que com os riscos que possam significar para as crianças.

O medo é e ainda será um tema muito polêmico para ser abordado a partir de histórias contadas, pois envolve muitos preconceitos, relacionados à cultura que permeia nossa sociedade. Porém, percebe-se um interesse ainda tímido, mas expressivo, em conhecer mais a fundo esse assunto, principalmente em se tratando da literatura para crianças. A enxurrada de livros infantis que abordam esse tema no mercado literário é bem significativa, porém, educadores, pais e contadores de histórias devem ficar atentos para uma avaliação minuciosa da qualidade das histórias escolhidas, para que as crianças recebam o melhor. Pode-se dizer que contar histórias de medo é um campo muito rico a ser explorado, pois o encantamento provocado nos pequenos é simplesmente impressionante! Durante os momentos de contações em espaços formais e não formais, pode-se perceber o quanto histórias de medo fazem sucesso entre crianças e porque não dizer, entre adultos

também. Portanto, se faz mister o estudo e compartilhamento de experiências para que aos poucos, quem se sente inseguro para contar histórias de medo, possa se aventurar nessa magia e perceber a riqueza que emana desses momentos. As histórias de medo cumprem uma função simbólica importante na elaboração da personalidade infantil, funcionando como um momento de catarse em que a emoção do medo pode ser drenada, enfrentada e superada por meio do imaginário.

Em suma, o receio que muitos têm em contar histórias de medo é um assunto instigante que tem permeado muitos conflitos pessoais, familiares, religiosos e profissionais, promovendo os mais diversos debates e diálogos, mas que com estudo, bom senso e quebra de paradigmas, será possível levar excelentes histórias a muitas crianças seja por intermédio dos livros ou pelo encantamento dos contadores de histórias!

Precisamos nos remeter aos nossos antepassados, que se reuniam em volta da fogueira para, num momento de aconchego e intimidade, contar histórias e mais histórias. Mesmo não existindo mais a fogueira no sentido real da palavra, simbolizemos esse momento em nossos encontros, casuais ou não, para que nos alimentemos de histórias, pois somos feitos de histórias! E o nosso medo, contido, escondido, disfarçado ou mesmo escrachado deve ser compartilhado para ser compreendido, enfrentado e superado. E tudo a partir de histórias contadas e/ou lidas, pois contar histórias é uma arte, como nos afirma Sisto: “[...]duvido que uma história bem contada não produza ecos no ouvinte! [...] quem ouve uma história quer ser atingido, de alguma forma, quer ser atingido. Quem conta quer igualmente[...]marcar e ser marcado!”

Fotos: acervo pessoal



Figura 1 ▶ Contação de histórias no CMEI Maria Aparecida Hartman, Curitiba, Paraná, Brasil



Figura 2 ▶ Destaque de meninos trabalhadores na oficina de Contação de Histórias em Ponta Grossa, Paraná, Brasil

Figura 3 ▶ Relevância para o olhar do pequeno bebê em contação no berçário do CMEI Erondy Silvério, Curitiba, Paraná, Brasil



Figura 4 ▶ O encantamento dos bebês durante a contação de histórias no berçário no CMEI Erondy Silvério, Curitiba, Paraná, Brasil.



Referências Bibliográficas:

- AZEVEDO, Ricardo. **Contos de enganar a morte**. São Paulo: Ática, 2003.
- AZEVEDO, Ricardo. **Contos de espanto e alumbramento**. São Paulo: Scipione, 2005.
- BAG, Mario. **Mitos e lendas do folclore do Brasil**. São Paulo: Paulinas, 2013.
- BRENMAN, Ilan. **Mamãe é um lobo!** São Paulo: Brinque-Ebook, 2010.
- COELHO, Nelly Novaes. **O Conto de fadas: símbolos – mitos – arquétipos**. São Paulo: Paulinas, 2012.
- COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 2007.
- COSTA, Marta Moraes. **Metodologia do ensino da literatura infantil**. Curitiba: Editora IBEPEX, 2007.
- DONALDSON, Julia. **O grúfalo**. São Paulo: Editora Brinque-Ebook Editora de Livros LTDA, 2015.
- DRUCE, Arden. **Bruxa ,bruxa: venha à minha festa**. São Paulo: Brinque-Ebook, 1995.
- ESTÉS, Dra. Clarissa Pinkola. **Contos dos irmãos Grimm**. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.
- FRANÇA, Julio. <https://sobreomedo.files.wordpress.com/2011/04/fontese.pdf>
- GRIMALT, Gris. **O alfabeto perigoso**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.
- HAE-WANG, Jeong. **Sopa de bruxa**. São Paulo: Callis Editora, 2008.
- LOBATO, Monteiro. **Histórias de Tia Nastácia**. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- LUCINDA, Elisa. **O menino inesperado**. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- MACHADO, Ana Maria. **O domador de monstros**. São Paulo: FTD, 2003.
- Mc CARTY, Peter. **Jeremias desenha um monstro**. São Paulo: Globo Livros, 2013.
- MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes, VEIGA, Maurício Biscaia, MORAES, Taisa Mara Rauen. **Contar Histórias: uns passarão e outros passarinhos**. Joinville, SC: Editora Joinville, 2015.
- MOLCHO, Samy. **A linguagem corporal da criança**. São Paulo: Editora Gente, 2007.
- MORONEY, Trace. **Quando sinto medo**. São Paulo: Ciranda Cultural Editora, 2007.
- PRESCOTT, Simon. **Numa noite muito, muito escura**. São Paulo: Publifolha, 2012.
- RAMOS, Mario. **Já pra cama, monstrinho!** São Paulo: Berlendis & Vertechia, 2012.
- ROCHA, Ruth. **Quem tem medo de monstro?** São Paulo: Richmond Educação, 2013.
- ROCHA, Ruth. **Quem tem medo de quê?** São Paulo: Global, 2003.
- ROCHA, Ruth. **Quem tem medo do ridículo?** São Paulo: Gaia, 2007.
- ROLDÁN, Gustavo. **Como reconhecer um monstro**. São Paulo: Frases e Efeitos, 2011.
- SSÓ, Ernani. **Contos de Morte Morrida**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2007.
- SILVA, Cleber Fabiano. **Em Busca do Leitor Literário: um passeio com Chapeuzinho Vermelho**. São Paulo: Esfera, 2013.
- SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre: a arte de contar histórias**. Belo Horizonte: Aletria, 2015.
- TAYLOR, Sean. **Quando nasce um monstro**. São Paulo: Richmond Educação, 2009.
- WOOD, Audrey. **A bruxa Salomé**. São Paulo: Ática, 1999.
- FERRARI, Juliana Spinelli. **"Medo"**; Brasil Escola. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/psicologia/medo.htm>>. Acesso em 13 de outubro de 2018.